

Alta recorde de investimento, de 26%, indica pressão menor sobre os preços

Segundo IBGE, nível voltou ao patamar observado antes da crise global

Ana Branco

Henrique Gomes Batista, Cássia Almeida, Rennan Setti, Lino Rodrigues e Danielle Nogueira

• RIO e SÃO PAULO. O forte crescimento do investimento no Brasil no primeiro trimestre, apontado pelo IBGE, animou os economistas. Isso porque a alta recorde de 26% sobre o primeiro trimestre de 2009 e a de 7,4% sobre os últimos três meses do ano passado indicam uma velocidade maior que o avanço da economia, o que reduz pressões inflacionárias. Com esses resultados, segundo Rebeca Palis, gerente de Contas Trimestrais do IBGE, a demanda para a formação bruta de capital fixo — os investimentos — voltou ao patamar de setembro de 2008, ou seja, antes da crise econômica mundial.

— No quarto trimestre do ano passado, o PIB (Produto Interno Bruto, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país) já havia retornado, de forma geral, ao nível pré-crise, porém a produção industrial e o investimento ainda estavam em patamares inferiores. Agora, ambos voltaram aos níveis de setembro de 2008 — disse Rebeca.

O crescimento de 26% foi em grande parte afetado pelo baixo patamar do investimento no primeiro trimestre de 2009 — pior momento da crise. Mas a comparação entre o primeiro trimestre deste ano e o período anterior indica que essa recuperação do crescimento é consistente: é o terceiro período seguido em que o investimento cresce acima de 7%.

Fiesp acredita em desaceleração do investimento

Com isso, segundo o IBGE, o investimento nos primeiros três meses do ano representou 18% do PIB, bem acima dos 16,3% do PIB no mesmo período de 2009 e praticamente repetindo o patamar de 2008, quando o investimento no primeiro trimestre ficou em 18,1% do PIB.

— Esse processo de crescimento do investimento acima da variação do PIB é algo positivo, que tem de ser intensificado. Sabemos que esse crescimento (do PIB) de 9% é transitório, que não temos condições de sustentar. Temos de lembrar que, mesmo com esses crescimentos, chegaremos ao fim do ano, na melhor das hipóteses, com o investimento representando 20% do PIB. O Chile tem uma taxa de 25%, 26%, e a China, acima de 40% — afirmou Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da FGV.

Um exemplo desse movimento são os R\$ 4 milhões que a marca de roupas íntimas Duloren investiu em novo maquinário para estreitar no conceito *fast fashion* (coleções que mudam mais ra-



FÁBRICA DA DULOREN: investimento em máquinas de R\$ 4 milhões, para elevar produção em 10%



Sabemos que esse crescimento de 9% é transitório, que não temos condições de sustentar isso

Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da FGV

No segundo trimestre estamos esperando taxas menores, compatíveis com o crescimento da demanda

André Rebelo, gerente da Fiesp

pidamente). A empresa também contratou 200 novos funcionários, quatro vezes mais que no ano anterior, e deve aumentar sua produção em 10%.

— Eu acredito que maiores opções de financiamento para o consumidor são o principal fator que está elevando as vendas — disse o diretor-presidente da Duloren, Roni Argalji.

Mas o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto, criticou o “oba oba” em torno do crescimento de 9% do PIB frente ao primeiro trimestre de 2009. Segundo ele, dizer que Brasil cresce em ritmo chinês é *lobby* dos economistas de bancos que querem aumentar a Taxa Selic:

— O primeiro trimestre de 2009 foi o pior da história da Abimaq. Demitimos 50 mil trabalhadores, e o faturamento de algumas empresas caiu 70%.

O gerente do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da Fiesp (que reúne as

indústrias paulistas), André Rebelo, prevê um segundo trimestre com menor crescimento, como já mostram os dados do Indicador de Nível de Atividade (INA) de abril, que recuou 0,4%, bem como pelas quedas nas vendas de veículos em abril (21,45%) e maio (10%).

— No segundo trimestre estamos esperando taxas menores (para o PIB) que no primeiro, compatíveis com o crescimento da demanda — disse Rebelo.

Estoques contribuíram com 1,2 ponto percentual do PIB

A variação dos estoques, que foram acrescidos em R\$ 7,7 bilhões no primeiro trimestre, também foi algo positivo para o crescimento. Depois das dificuldades de 2009 — quando muitas empresas, pegadas de surpresa pela crise, amargaram elevados estoques — essa conta contribuiu, segundo a Convenção Corretora, com 1,2 ponto percentual no crescimento de 9% registrado no período.

— Acredito que os estoques estão voltando ao normal. Ano passado os empresários passaram com pouca margem, com temor de uma volta da crise. Além disso, as montadoras e as empresas de eletrodomésticos fizeram estoques para faturar ainda no período de IPI reduzido — afirmou Bráulio Borges, da LCA Consultores.

Alta na construção civil atingiu 14,9% no período

O segmento de construção civil foi um dos destaques do PIB, com avanço de 14,9% sobre o primeiro trimestre de 2009. Foi a maior alta desde o início da série histórica, em 1995. Segundo o IBGE, o resultado reflete a base fraca de comparação — no primeiro trimestre de 2009 houve queda de 9,6% — e a expansão do crédito à habitação, que teve expansão nominal, ou seja, sem descontar a inflação, de 48,1% na mesma comparação. Para o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio de Janeiro, Roberto Kauffmann, no segundo trimestre essa expansão pode ser ainda maior. Ele estima que, no ano, o crédito para habitação vai crescer 25%, atingindo R\$ 60 bilhões.

A PDG Realty é uma das empresas do setor que estão investindo pesado este ano. Ela acaba de adquirir a Agre, elevando seu valor para R\$ 9 bilhões e aumentando sua participação no estado de São Paulo. Seu plano é lançar R\$ 7 bilhões em empreendimentos até dezembro, 75% mais que em 2009. A aquisição de terrenos para novas construções cresceu 28% no primeiro trimestre frente ao fim de 2009.

— Trata-se de um círculo virtuoso — disse o diretor financeiro da PDG, Michel Wurman. ■